



TRIBUNA LÍVRE

16
MARÇO
1957

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

PAULO BARROSA DE MAGEDO ANTONIO JOSÉ DA COSTA JOSÉ M. JOÃO BARROSA DE MAGEDO
Comissão: Toponímica e Onomástica, LARCO DE GUARIZES, SA. 4740-TEL. 6204 - AMARES

Uma obra que se impõe continuar e ampliar

Alguém nos falou para dizer alguma coisa sobre o Patronato de Santa Filomena, o que de início não perfilhamos por falta de elementos, que igualmente nesta altura não possuíamos, mas passados apenas uns escassos dias sobre a conversa, um facto importante veio modificar a face das coisas, ou para melhor dizer, veio impor que se falasse realmente de qualquer coisa—Patronato ou Sopa dos Pobres, como lhe queiram chamar—que pudesse consolidar a obra iniciada e mantida pelo grande benemérito da Terra, o saudoso P.e José Joaquim da Costa Azevedo. Nesta intenção, resolvemo-nos finalmente a dizer o que se nos afigura propício promover por uma comissão

paroquial a constituir, pois ninguém pessoalmente poderá, como essegigante da boa vontade continuar, ou mesmo conservar, as obras que deixou em suspenso e que não devem deixar perder-se, a pretexto seja do que for.

Para o Arcipreste de Amares não havia obstáculos e punha em todas as coisas uma recta intenção puríssima, tão cristalina como a sua alma ardente de amor pelo próximo que o levou a perfilhar, com a sua bondade, cada um dos seus paroquianos e apadrinhar cada um dos amarenses: mais do que generoso, era caritativo.

Integrado perfeitamente no espirito sacerdotal, ao mesmo

(Continua na 4.ª página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva
Continuação do número anterior

Na sua boa fé, Montebelo imaginou e criou aqui o solar de Amares ou de Marecos, inadvertidamente baseado na semelhança dos termos, como procedeu em relação a outros casos, declinando em erro.

Como confundiu «Amares» com «Marecos», deduziu igualmente «Anseide» de «Ansemunde», «Santa Lucrécia» de «Santa Logriça», isto para falar somente de terras mais próximas.

«Anseide», que já assim se escrevia anteriormente ao Conde D. Pedro do Nobiliário, de forma alguma se identifica com «Ansemunde» que não é senão a actual freguesia de «Amonde» na margem esquerda do Lima, concelho de Viana, isto pelas relações e proximidades de seus antigos ricos-homens com os «Velhos de Santa Logriça» que também não é «Santa Lucrécia» em território de Braga, como queria o Marquês, mas «Santa Lucrécia» de Riba de Neiva, na antiga terra de Aguiar de Riba de Lima, como se confirma pelas inquirições de Afonso III:

«Item, in este Couto moram omnes que se escusam per amadigos... Petrus Peluiz criou fila de Petro Velio (Pedro Velho) ...»

Amares nada tem de comum ou que por qualquer forma se relacione com Marecos; especialmente com Marecos de Penafiel do Sousa, precisamente identificada por Pedro de Azevedo, no seu trabalho «O Território de Anegia» inspirado talvez naquele «pactum venditionis» relativo a 1043 e inserto em «Diplomatal et Chartae» a pag. 198—«heredidade nostra... in villa que vocitant marecus...» vila esta a que Pinto Leal, no seu Dicionário Antigo e Moderno «invidentemente recorre sob os termos «Amares» e «Marecos», estabelecendo atroz confusão.

«Amares» e «Marecos» são vocábulos inteiramente distintos e desde sempre inconfundíveis na toponímia por-

(Continua na 6.ª página)

Seguros de gado

Amanhã, domingo, às 10 horas, realiza-se no Grémio de Lavoura de Amares uma reunião para tratar de seguros de gado.

Os estatutos encontram-se já aprovados e é esta a segunda reunião que se efectua com a finalidade de criar uma Mútua de gado bovino tão necessária no nosso meio.

Os lavradores que por vezes vêm a sua economia abalada pelas doenças que lhe devoram os animais devem ver nesta iniciativa uma tentativa séria para os ajudar a precaverem-se contra esse mal que tantas vezes lhe bate à porta.

Além do mais esta iniciativa acabará com a pedincha que se verifica quando morre um animal por doença e o seu proprietário se vê na necessidade de pedir para poder comprar outro.

Na mesma reunião os nossos lavradores terão à disposição o sr. Eng. Vascelos que lhes prestará todos os esclarecimentos de que necessitem sobre este ou qualquer outro assunto referente à agricultura.

IMPRESSÕES À MARGEM DO JOGO Sporting de Braga—V. de Guimarães

No pretérito domingo o grupo bracarense foi jogar a Guimarães num dos jogos mais importantes do nacional da II divisão, saindo de lá vergado ao peso de uma derrota significativa em números—5-0.

Tem-se escrito muito sobre a «incerteza gloriosa do desporto» imputando-lhe a razão de ser da emotividade das lutas desportivas, especialmente do futebol.

Há-de continuar-se a escrever e será quase sempre o futebol o inspirador da tese por ser, pela sua contextura e forma o que mais incerteza causa e causará.

Mas não-de convencer-se os estudiosos do desporto que essa incerteza é muitas das vezes fruto das mutações a que os técnicos desnecessariamente sujeitam as equipas.

Porque falta um jogador, magoado ou castigado e não obstante dizer-se que os grupos têm muitos jogadores de igual categoria—o Braga tem 18—logo se originam uma série de modificações que tornam radical e profundamente a equipa.

Acresce ainda, lamentavelmente, que a par dessas modificações se altera o sistema

de jogo e de tática como que as modificações de ultima hora dessem aos jogadores condições de improvisação que até aí não existiam.

Isto é, a um mal junta-se outro mal e a «incerteza gloriosa do desporto» não é mais do que o resultado da incerteza dos técnicos ou duma ou-sadia que se não apoia na lógica.

E isto de lógica é ainda uma força em todas as coisas da vida parecendo-nos até que ela é igualmente aconselhável no desporto e na matemática, apesar desta ser a única ciência infalível.

O jogo Braga—Guimarães originou uma série de modificações na linha, na tática e no ânimo dos jogadores, daí menos rendimentos e muita razão de queixumes.

Não vamos, todavia, embalar em críticas fáceis e por isso deixamos aqui expresso que o Braga também não teve sorte nem árbitro à altura.

A derrota foi má, mas as consequências podem não ser tamanhas se a própria cidade se convencer que isto de entrar na primeira divisão custa muito e não basta ter uma equipa tecnicamente superior.

Outros factores contam e este de optimismos exagerados é um. Esse optimismo existia, não cremos que ele se acabe mas sim que se reduza as proporções justas e, se assim fôr, o Braga terá mais um motivo para conseguir o que deseja.

≡ A electricidade vai encarecer ≡

Chega-nos a notícia de que a electricidade no nosso concelho vai encarecer.

No momento em que se tenta industrializar o país, no sentido louvável de elevar o nível da vida da nossa população, a electricidade, base dessa industrialização e fulcro de toda a comodidade, já tão cara no nosso concelho, vai sofrer um aumento.

No momento em que o Governo tenta impedir por todos os meios o encarecimento do custo de vida e deitar a mão à nossa depauperada agricultura, os motores de rega passarão a ser abastecidos de energia ainda mais cara.

Não sabemos de quem a culpa, mas vamos sabê-lo e dizê-lo, mas para já parece-nos que estamos perante os mesmos que encareceram a água e não mais, apesar de o terem prometido, diligenciaram para que o seu preço diminuísse.

O concelho continua a sofrer as consequências de uma administração que lhe não vive os problemas e que o não deixará cega pela vaidade de ser.

Já aqui dissemos que escusam de esperar por soluções de consciência, dado que os lugares pesam mais e também não haverá solução pelo estu-

(Continua na 4.ª página)

O Pároco de Ferreiros morreu, mas é necessário que viva NO CORAÇÃO DOS PAROQUIANOS

Urge prolongar uma notícia publicada no último número deste prestimoso semanário intitulada, «A PROPOSITO DA MORTE DO REV. ARCIPRESTE—PADRE JOSÉ JOAQUIM DA COSTA AZEVEDO». E faço-o para esclarecimento de uns e satisfação do desejo de outros. É incontestável que o extinto, instruído na mais pura doutrina evangélica, distribuía pelos pobres o supérfluo dos reduzidos proventos paroquiais, nada conseguindo amealhar, valendo-se até dos parques ren-

dimentos de prédios deixados em herança pelos seus antepassados para suprir as deficiências orçamentais. Creio mesmo que se não fora esta última circunstância ter-se-ia visto, algumas vezes pelo menos, embaraçado com a solução de certos problemas económico-financeiros, sempre inseparáveis da vida daqueles que a seu exclusivo cargo têm determinada empresa. Poderei, pois, concluir que o bondoso sacerdote, verdadeiro

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA DA MULHER E DO LAR

Quadra

Olhos negros feiticeiros
São os olhos do meu bem
De tanto, tanto me olharem...
Sou feiticeira também.

A mulher ideal

A mulher ideal não é aquela que desperta o enleio sensual, nem a que vive na imaginação dos poetas, mas a companheira dedicada, a esposa, a mãe, com alma e coração, amorosa e enternecida, prendada de formosura e dotada das nobres virtudes femininas. Essa mulher que nos pode tornar ditosos, vai constituindo uma raridade. Hoje, predomina o tipo da mulher-atômica, efervescente magnetizante, que perturba os sentidos, envenena o coração e deixa na alma um sulco de tédio, amargura e desilusão. É a mágica sedução do amor fictício, o desvairamento, a vertigem. A outra, a mulher verdadeiramente mulher na sua cativante fragilidade, deliciosa, meiga e compreensiva, essa é um enlevo o nosso encanto poético e sentimental.

Saber não ocupa lugar Alianças

O antigo costume de trazer as alianças no segundo dedo da mão esquerda, em seguida ao mínimo, é devido à crença de que há nele uma veia que vai directamente ao coração e, também, porque tal dedo, conjuntamente com o polegar e o indicador, representa a Trindade.

Modo de restituir o brilho aos espelhos

Dissolve-se gesso em água e vinagre e humede-se ligeiramente o espelho com esta massa. Enxuga-se em seguida com uma toalha fina.

Utilidades caseiras

—Quando aplicar cera no soalho por meio de um pano encharque-o primeiro em água e em seguida torça-o bem, para então tirar com ele a cera. A cera não gruda no pano molhado e assim economiza-se bastante.

—As portas pintadas de esmalte claro não devem ser lavadas continuamente com água e sabão para não ficarem embaciadas e sem brilho.

O suco de uma batata, cortada ao meio, tira as manchas. Depois passa-se um pano molhado com água simples.

—Para terminar o rangido incómodo das molas do estrado da cama, encha uma bomba Flit com cera líquida e faça uma boa pulverização. A cera é melhor que o óleo porque este junta poeira que pode sujar os lençóis.

Que tem no entanto, de especial além do próprio atractivo requintadamente feminino esta mulher das nossas supremas aspirações?

Uma delas que vive no Estoril, mas simboliza as grandes mulheres de todo o mundo, casou há doze anos e durante esse tempo, fez todas estas coisas: deu à luz e criou como verdadeira mãe, cinco filhos; preparou 8.760 refeições correntes e 50 almoços de cerimónia; fez 11.500 pães e 4.100 bolos; 55 vestidos de criança e consertou e modificou 414 fatos de adultos, remendou 118 pares de meias; criou 1.800 galinhas e 120 porcos; 355 perus, patos e galos e consumiu no arranjo de casa 3.456 horas—sempre risonha, solícita e gentil para com o marido, mesmo quando as inevitáveis questões turvam a harmonia do casal.

Esta é a mulher ideal, não a escrava condenada a servidão doméstica, mas a doce fada do lar que parece apagar-se mas se engrandece no amor, na ternura, na gratidão do homem a quem torna feliz.

Alra

Regras de etiquetas

À entrada duma porta, quem deve passar primeiro

Em geral, o cavalheiro deve afastar-se para que uma senhora entre primeiro.

Se ela recusar e pedir ao cavalheiro para que passe a diante, este deve obedecer sem resistência. Obedecer, neste caso, é um sinal de deferência.

Quando duas damas ou dois cavalheiros encontram juntos de uma porta, o mais novo ou inferior é que deve dar a preferência ao superior ou ao mais velho. Se este não aceitar a deferência e ceder a sua vez, deve aceitar-se.

Em nossa casa devemos sempre deixar passar os outros primeiro. Na vida comum é regra geral que, nessas circunstâncias, se dê sempre a primazia às senhoras.

À MESA

É muito pouco correcto chegar atrasado a um jantar; chegar cedo de mais também não é conveniente por ir perturbar a dona de casa.

Um cavalheiro nunca deve sentar antes das senhoras, nem antes do

A PARADA DA PRIMAVERA EM PARIS

—Jean Patou abriu oficialmente a parada da Primavera de 1957, com a apresentação da sua "linha fluida", em duas variações: do dia, é ampla, desajustada, como uma saca larga; de noite expande-se em saias extramamente rodadas, mais leves do que o ar.

Debaixo das duas silhuetas, a figura feminina mantém-se normal, com o busto, a cintura e ancas nos devidos lugares.

Seguindo a tendência geral, Patou acompanha a reaparição dos cintos com fantasias muito pessoais. Gravatas muito estreitas, lansas, apanham negligentemente a roda dos casacos desajustados dos "tailleurs". Nas alegres "toilettes" para dança, são largas faixas de tecidos escolhidos que apertam a cintura.

Mas a maior originalidade de Patou reside no comprido

dono ou da dona da casa, fazerem menção para os convidados se sentarem.

Os cavalheiros devem ser servidos depois das senhoras, mesmo que estas pertençam à família.

O guardanapo nunca se deve prender ao pescoço nem estender sobre o peito. No fim da refeição deve-se colocá-lo discretamente ao lado do prato. Não é correcto dobrá-lo.

mento das saias que ao contrário do que tem sido visto nos modelos deste ano em Paris, na Itália e na Inglaterra atinge alturas verdadeiramente inesperadas. Descobrimo que se o joelho, dão um ar de im completo às criações "fluidas".

Botões e laços espalham-se por quase todos os 130 modelos da colecção. Laços de veludo agitam as asas, colocados nos ombros e na saia das "toilettes" de maior cerimónia. Como que postos ao acaso, sem objectivo definido, os botões aparecem tanto no decote como na cintura ou formam filas duplas sobre a frente dos casacos de "tailleurs", informes, direitos, cobrindo blusas igualmente largas e acompanhando saias curtas e justas.

Com excepção da moda para "cocktail" e para de noite a colecção de Jean Patou deixa a impressão de que o manequim perdeu alguns quilos entre a última prova e a passagem.

Setim, organdi de seda e estampados de flores, leves e vaporosos, são os tecidos que escolheu para se redimir dos horrores do dia, com vestidos de grande elegância e beleza, que são usados outra vez com saias debaixo justas, que deixam que a delicada saia caia suavemente em pregas naturais.

Esta tarde, tem a palavra Jacques Heim.

CULINÁRIA

Sopa de peixe

Coze-se feijão branco em pouca água e coa-se.

À parte coze-se uma cabeça de pescada também em pouca água e coa-se de modo a separar bem todas as espinhas.

Junta-se esta água à dos feijões.

Frige-se uma cebola grande, picada, até ficar loura e junta-se tudo.

Leva-se ao lume e antes de principiar a ferver adiciona-se-lhe bocados de pão de trigo, folhas de louro, salsa e pimenta a gosto.

Pescada assada

Lava-se, escama-se e coloca-se numa frigideira um traço bom de pescada. Tempera-se com sal, cebola às rodas, pimenta, manteiga de vaca, alhos partidos miudamente, ramos de salsa, azeite e vinagre.

Leva-se a assar ao forno. Depois de assada bate-se uma gema de ovo e salsa picada com algum molho da pescada e deita-se-lhe por cima.

Guarnece-se depois com agriões.

Bifes enrolados

Cortam-se bifes grandes, mas fininhos, e temperam-se com sal, pimenta e alho.

Cozê-se um ovo para cada bife e descasca-se.

Lavam-se os bifes e enrolam-se, cada um com um ovo dentro.

Amarram-se com uma linha e fritam-se em manteiga à qual se adiciona um pouco de água para a carne ficar bem passada.

SOBREMESA

Pudim de claras

Batem-se 4 claras com 4 colheres de açúcar até ficarem em nuvem.

Adiciona-se um pouco de canela e raspa de limão e deita-se numa forma untada com manteiga.

Vai ao forno. À parte batem-se as 4 gemas com 4 colheres de açúcar e leva-se ao lume mexendo sempre para não esturar.

Estando o pudim no prato próprio despejam-se as gemas por cima.

BARBEARIA MODESTA

—DE—

SILVAS & FERREIRA, L.DA

Participamos aos nossos amigos e clientes, que abrimos na Trav. do Arco da Graça, 22 (ao Martim Moniz) um novo estabelecimento de Barbearia, sob a gerência do nosso confrãneo Sr. A. J. Ferreira, ex-gerente da Barbearia do Bêco do Cascalho.

LISBOA

TABELA DE PREÇOS

Cabelo e Barba	4\$00
Cabelo	3\$00
Barba	1\$00

Desde já agradecemos uma visita de V. Ex.as

ZÓZIMO S. RAMOS

MÉDICO

Consultas, com hora previamente marcada, aos sábados e domingos.

Na rua de São Marcos, n.º 127-1.º, em Braga

TRIBUNA do CONCELHO

Ofertas para Nossa Senhora da Abadia

É no dia 5 de Abril próximo, que se recebem as ofertas para auxílio dos grandes melhoramentos a realizar no Real Santuário de Nossa Senhora da Abadia, (o mais antigo da Península).

As ofertas são recebidas no Largo do Terreiro em Bouro e a sua entrega terá início por volta das 13 horas.

Conta-se já com um elevado número de carros, de tracção animal, que nesse dia se deslocam a Bouro, transportando madeiras de diferentes espécies. Os seus proprietários mostram a devoção que têm pela Senhora da Abadia.

Esperamos também por muitos donativos em dinheiro e artigos agrícolas, pois como já informamos, o nosso apêlo tem tido imprevisto sucesso onde quer que chegue.

Todas as freguesias do concelho e, ainda, muitas outras, dos concelhos circunvizinhos colaboram na nossa iniciativa e com muita animação.

Devotos de Nossa Senhora da Abadia que vos encontrasdes ausentes: É exclusivamente para vós que ocupamos as columnas deste conceituado jornal. É para vós este nosso grito; um grito que se estende por todo o Portugal e ainda por diversos pontos dos diferentes Países.

Vós conheceis a milagrosa Imagem e o seu histórico Santuário. Sabeis, portanto, os melhoramentos que ele precisa e que só com o auxílio de todos se torna fácil a sua realização.

Esperamos, por isso, o vosso

melhor acolhimento. Que todos colaborem na medida das suas possibilidades, para assim podermos levar a cabo a conclusão dos nossos projectos, e fazer da Abadia de hoje, uma Abadia maior; uma Abadia cheia de brilho e cheia de esplendor.

A Mesa Administrativa, constituída por homens de boa vontade e incansáveis de bem servir o Real Santuário que administram, não se tem poupado a esforços. Porém, a sua boa vontade de nada vale, se faltar o auxílio dos devotos da milagrosa Senhora. Mas não; não pode faltar, porque a Senhora da Abadia nunca esquece os seus devotos e por isso é digna que não nos esqueçamos dela.

Esperamos mesmo que ninguém falte com o seu donativo, pois os melhoramentos a realizar são de avultada despesa; mas diz o adágio: "Onde todos pagam nada é caro".

Basta que todos assim compreendam para a grande obra se realizar.

TODOS PELA SENHORA DA ABADIA

Pedimos desculpa aos estimados leitores, por no último número deste jornal, termos informado que o dia das ofertas seria em 22 ou 24 do corrente, mas porque o tempo se ia fazendo pouco e o serviço ainda se encontra atrasado, foi então destinado para o dia 5 de Abril.

A. Fernandes

Amares

Por insultos e palavras ofensivas da moral pública, apresentaram queixa, Luísa Pereira, casada, doméstica, e Margarida Pereira Rodrigues, solteira, doméstica, contra Clotilde Rosa da Silva, casada, doméstica e Albano Uvinha de Araújo, solteiro, todos residentes no lugar do Barrão, da freguesia de Ferreiros, deste concelho.

Os arguidos por sua vez, também apresentaram queixa contra os denunciadores, acusando-os do mesmo crime.

Caires

Por ter lançado foguetes sem que possuísse a respectiva licença, foi autuado Carlos Augusto Cesília, casado, residente no lugar do Monte, desta freguesia, tendo ainda como cúmplice na transgressão Manuel I-nimigo, casado, residen-

te na aludida freguesia.

Segundo a opinião de alguns habitantes desta freguesia, a queixa baseia-se numa vingança antiga.

Figueiredo

Quando a altas horas da noite pronunciavam frases obscenas e faziam algazarra que perturbava o sossego, foram denunciados por Olívia de Jesus Gonçalves, casada, desta freguesia, Fernando Almeida da Silva, solteiro, motorista, Joaquim Fernando Vilela Ribeiro, solteiro, motorista, Ernesto Fernando Ribeiro da Cunha, solteiro, serralheiro, João Manuel Ribeiro Barreiros, solteiro, serralheiro, e Luís da Silva Machado, sendo este desta freguesia de Figueiredo e os outros de Santa Maria de Bouro.

Alega a denunciante que os infractores cometem constantemente estes delitos.

Lago Luz eléctrica

Um habitante do lugar de Santa Marta, junto à E.N. (perto da Ponte do Bico) pede-nos para chamar a atenção da Câmara Municipal para o facto de ele e muitos outros terem necessidade da luz eléctrica e não a poderem utilizar, por se encontrar a linha a algumas dezenas de metros. Diz então que se a Câmara estendesse a linha do Paço à Ponte do Bico, não faltaria quem pretendesse a energia, quer para luz, quer para motores. Fala-se tanto em electrificação do país. Diz ainda esse sr. e nós aqui com ela a escassos passos e não a podemos utilizar. Tenho um aparelho de rádio, que funciona com bateria, pois estou há dias sem notícias por falta de carga.

Queria construir uma casa melhor que a que tenho, mas enquanto não tiver possibilidades de meter a luz eléctrica, não o faço.

Este sr. tem razão. Um ramal até entre-Pontes, serviria muita gente e a Câmara viria a lucrar. Serviria, inclusivamente, o edifício Escolar, pelo qual nos temos batido, para ser dotado de água e luz.

Prometemos falar no assunto.

Vida elegante

Aniversários

Na passada quarta-feira, a Sra. Margarida Rosa Dias Antunes.

Amanhã—A Sra. D. Maria de Fátima Barros de Azevedo Gonçalves, o Sr. António da Silva, o Sr. Jaime de Abreu Dias, o Sr. Domingos José Dias e o Sr. António Alberto Leite de Araújo.

Terça-feira—A Sra. D. Belmira de Araújo Gomes, a Sra. D. Rosa Maria Veloso, o Sr. José Augusto de Abreu Dias e o Sr. António Rodrigues Veloso.

Quarta-feira—O Sr. João Machado e o Sr. Joaquim Cerqueira.

Sexta-feira—A Sra. D. Maria do Sameiro Gonçalves Leite Ribeiro.

Aniversário de casamento

Passa mais um aniversário de casamento, na próxima terça-feira, o simpático casal Senhora D. Madalena Gonçalves Rodrigues e Domingos Rodrigues.

Os nossos sinceros parabéns.

Cães a mais. Fiscalização a menos

Continuamos a verificar que pelos largos desta vila, os cães vadios ou de donos pouco cuidadosos continuam a andar livremente.

Até aqui estaria tudo menos mal não obstante a leis que a isso se opõem, o pior, é que estando em tempo de "amores" os mesmos animais originam por vezes espectáculos profundamente deploráveis.

Ainda no passado domingo verificamos que no Largo do Doutor Oliveira Salazar se deu um desses tristes espectáculos perante cerca de uma centena de pessoas, a maioria das quais crianças.

A sociedade não pode estar ao sabor de um ou outro que tem os animais sem lhe dar as condições indispensáveis e a juventude não pode ter por espectáculo o degradante cenário que de vez em quando lhe é oferecido.

NECROLOGIA

Falecimentos

Em Amares—O Sr. Aurélio Rodrigues, com 65 anos de idade, no passado dia 3 de Fevereiro;

Em S.ta Marta—A menina Rosa da Assunção Alves Rodrigues, com 16 anos de idade no passado dia 26 do mês findo e Margarida Fernandes, com 74 anos de idade no passado dia 16 do mês findo;

Em Sequeiros—O Sr. Manuel Joaquim Mendes, com 75 anos de idade, no passado dia 23 do mês findo;

Em Bouro—O Sr. João Dias, com 81 anos de idade, no passado dia 25 do mês findo;

Em Fiscal—A Sra. Ana da Silva, com 76 anos de idade no passado dia 27 do mês findo;

Em Dornelas—A Sra. Beatriz de Araújo Martins, com 50 anos de idade, no passado dia 27 do mês findo;

Em Lago—O Sr. Joaquim da Silva Almeida, com 79 anos de idade, no passado dia 27 do mês findo; e Maria da Conceição Sousa, com 80 anos de idade, no passado dia 11 do corrente;

Em Caldelas—A Sra. Maria Tereza de Oliveira, com 87 anos de idade, no passado dia 3 do corrente;

Em Goães—O Sr. Manuel Joaquim da Costa, com 74 anos de idade, no passado dia 12 do corrente.

Observações

As tabernas e um pároco autuado

No n.º 60 deste jornal saiu a notícia de que o Rev. pároco de Lago tinha sido autuado por injúria e difamação. Esta notícia veio á publicidade por

nos não ter passado pela mão antes, caso contrário fariamos como temos feito em muitos outros casos.

Saída esta notícia o visado veio com uma longa resposta. Deixamo-la publicar, não por que intimamente estivéssemos de acordo, mas tão somente por que tendo saído uma deveria sair a outro que em nosso entender excedia os limites do esclarecimento.

Agora os autuantes, snrs. J. A. Pires e José da Costa, escrevem-nos a pedir a publicação de um esclarecimento.

Acentuam a sua qualidade de católicos e acrescentam que a acusação é verdadeira como futuramente se verá.

Dizem ainda que trataram o assunto—como católicos—junto de quem de direito e que aguardam serenamente a decisão do poder judicial.

Assim se encerra a questão.

Para quando a pavimentação do Largo dos Bombeiros

Como todos sabem desde há bastante tempo que a pavimentação do largo dos Bombeiros foi participada pelo Estado.

O tempo, contudo, passa e continuamos a aguardar que os trabalhos se iniciem.

Parece, porém, que tudo está como estava e começamos a recear que lhe aconteça o que aconteceu à participação para Caldelas ou à electrificação de Bouro.

HUMORISMO

Na polícia

Senhor Comissário, este homem é acusado de ter roubado um automóvel, mas nega o crime.

—Revistem-lhe as algibeiras.

Abandonado

—Como está o António? —Mal. Já está abandonado pelos médicos.

—Não sabia! Então que tem?

—Não tem dinheiro para lhes pagar.

Idade

—Não tens vergonha, Zézinho, de com essa idade ainda irés à escola?

—Não, mamã. O Senhor professor tem mais de cinquenta anos e também lá vai todos os dias.

No cinema

—Senhora, se fizesse o favor tirava o chapéu.

—Estorva-o?

—Não, senhora. É que minha mulher está a chegar e se o vê, quer que lhe compre outro igual.

Uma obra que se impõe continuar e ampliar

(Continuação da 1.ª página)

tempo que «dava de comer a quem tinha fome» na Sopa dos Pobres, criava a ideia e dava forma, por exemplo, aos «Certames catequísticos», dotava a sua Igreja paroquial com o asseio próprio da «Casa de Deus» e, se nem sempre com intervenção directa, tratava das coisas temporais, com o seu substancial e imprescindível apoio moral, bafejava todas as iniciativas, quer no Santuário da Abadia, quer na Comissão de Municipal de Assistência, nos Bombeiros ou na Caixa Agrícola, enfim, em qualquer lado em que solicitassem um paternal auxílio, firme iniciada e seriedade.

Este Homem simples e franco como as páginas dum livro, onde se lia abertamente a franqueza, não sabia dizer não: aqui estava o segredo da sua força, do seu poder cativante que a todos vergava, alicerçando a sua obra na maior força de todos os tempos: a boa vontade.

A verdadeira homenagem que se lhe poderá prestar é, sem dúvida, não só amparar esta obra mas continuá-la e ampliá-la.

Quem, islado abraçaria tão nobremente, e tão caritativamente poria em marcha os ideais que sustentou em vida?

Certamente ninguém! E por isso mesmo lançamos logo de início a fórmula de uma comissão paroquial.

A ideia do Patronato de Santa Filomena, seria a solução que o saudoso extinto perfilhou dos últimos dias da sua vida, como se viu aqui no apelo feito através desta Semanário, o que fez, certamente, por ver sem continuidade assegurada aquilo que mais caro lhe era: a Sopa dos Pobres. Pensamos que o seu substituto, rodeado de homens de boa vontade, não apenas «homens bons», mas que aliem à bondade a energia de que era dotado o percurso da Obra, poderia prosseguir e consolidar a posição que com tanto custo adquiriu a Freguesia de Ferreiros. Ficaram as condições base para prosseguir, pelo que se torna necessário efectivamente meter mãos à obra.

Já ouvimos referências à construção de edifício próprio para a Sede, e fora de dúvida, isso terá viabilidade se o Patronato encontrar homens dinâmicos que se rodeem de condições apropriadas.

E já que estamos em maré de sugestões, diremos que o legado existente, um cortejo de oferendas e a participação do Estado seriam suficientes para levar a efeito esta indispensável solução.

O edifício sede do Patronato seria como que um padrão erguido à memória do Homem que amou sem limites à sua Terra.

Não ficariam por aqui as modalidades de conseguir donativos, pois que a Casa do Povo, eternados os seus inválidos,

haveria de concorrer pelo menos com os subsídios que dispõe actualmente, além de que, o Patronato deveria abranger toda a área da Casa do Povo, em benefício dos necessitados das quatro freguesias que, com os auxílios já previstos, sem dificuldades de maior sustentariam uma instituição cuja necessidade é por demais evidente.

Indo mesmo mais longe em conjecturas, apetecia-nos localizar a Sede no Patronato entre a Capela de Santa Catarina e a Escola Oficial. E por quê?

A situação é excelente, a Capela serviria para os actos do culto dos internados, poderia funcionar anexa uma cantina para a escola e em nada faria mal às crianças, uma vez por outra prestam serviços aos inválidos, com verdadeiro espírito cristão.

Estamos certamente a sonhar, mas há sonhos lindos que apetece contar.

Quando os sonhos são lindos, de verdade, temos mesmo necessidade de os comunicar aos outros, como aqui estivemos a fazer.

De resto Santa Filomena, escolhida para patrocinar a obra, já terá feito milagres muito maiores!

Por nós, ficamos muito satisfeitos se tivermos contribuído alguma coisa para alívio dos necessitados.

EME

Fazemo-lo gostosamente. Tem a palavra a Câmara Municipal Tabernas

Somos de opinião, já manifestada e conhecida de há anos, de que as tabernas deviam estar encerradas aos Domingos e dias santificados, da parte de tarde.

As razões são várias, e não interessa agora apontá-las. Uma ao acaso: os taberneiros, que não tem descanso semanal, precisam de o ter. Precisam de um dia para dedicar à família; ir à bola, ao cinema, ou apenas descansar. Fechem-se as tabernas ao Domingo. Dê-se o descanso ao taberneiro, que ainda o não tem.

Pedimos a qualquer colaborador da «Tribuna»—porque não EME?, que tome à sua conta este assunto, se com ele concordar, e o defenda, a ver se se conseguirá, fechar as tabernas ao Domingo.

J. P.

**Assinai
e propagai
a «Tribuna Livre»**

Album de coisas várias

(Continuação da 6.ª página)

destes se verificarem. Não está certo que se impessa a venda normal dos bilhetes por cada espectador, que perde tempo na *bicha*. Que cumpre e vai para a *bicha*, ordeira e alinhadamente. Que não usa de influências de qualquer espécie para adquirir bilhete. Que se intercala na *bicha*, que espera que a sua vez chegue, que aguarda ser atendido. Mas assim não acontece. As *bichas* formam-se e só dois ou três componentes são atendidos. Não há bilhetes para mais ninguém. A lotação está esgotada!

Isto enerva, isto cansa, isto aborrece, isto impõe a hipocrisia, as videirices, os *favores* as lamechas. Isto é um mau costume, que termina por adulterar sentimentos e relações sociais.

* * *

Disseram-nos que a coisa é assim desde que o *Sá de Miranda* (outra Empresa Exibidora de filmes de Viana do Castelo) fechou as suas portas para obras, portas essas que se abrirão a público lá para Maio, que depois de ele começar a funcionar já há bilhetes para toda a gente e que as lotações quando se *esgotarem* esgotam-se de facto com total a silenciosa compreensão do público, que sabe quando o não consideram ou o enganam.

Aguardemos, então, que o *Sá de Miranda* abra as suas portas. Mas até lá aguardamos que a Empresa do *Palácio* tome as providências necessárias de maneira a debelar um estado de coisas que, conforme apontamos, não estão certas nem são de aceitar.

J. M. (J.)

Tribuna de Vila Verde

(Continuação da 6.ª página)

Necrologia

Na sua residência, faleceu hoje, 12, pelas 11 horas o sr. Alberto da Silva Barbosa, proprietário, da freguesia de Barbudo, sogro do sr. Manuel Rodrigues, Nido Silva, G.N.R. do Posto de Vila Verde e Augusto Gomes, comerciante desta praça e pai de D. Tereza de Jesus Barbosa, Rosa da Silva Barbosa e Maria Lourdes Campelo Barbosa e cunhado do sr. Campelo, comerciante em Rendufe, concelho de Amares e irmão de Alfredo Barbosa.

Tribuna de Vila Verde apresenta à família enlutada os seus sentidos pêsames,

D.

A electricidade vai encarecer

(Continuação da 1.ª página)

do e trabalho pois o tempo mal chega para rabiscar as tais palestras...

A indústria vive conforme pode ou não produzir mais barato, ora a nossa atormentada por energia cara vai agora suportar novo aumento e torná-la talvez a mais cara do país.

Já que nada devíamos à administração no alargamento da rede ficamos a dever-lhe o encarecimento. Já não é pouco para quem nada tem feito de construtivo e ao concelho tem causado prejuízos sem conta.

O Pároco de Ferreiros morreu

(Continuação da 1.ª página)

«Aiter Christus», na terra nada legou à posteridade familiar que não fosse o quinhão herdado, o qual, justamente,—talvez com custo!—procurou conservar, impedindo-se desagregasse do ancestral património. Honra lhe cabe ainda por mais este acto impregnado de Justiça e bom censo.

Não é, portanto, à família que incumbe promover, por si só, a homenagem da colocação da pedra tumular em questão, mas sim a todos nós, como preito de gratidão filial—porque o «Padre» é pai espiritual do agregado humano que habita a sua paróquia.

Assim, é necessário que o pároco de Ferreiros, arrebatado há dias pela morte, viva no coração dos paroquianos, e oxalá todos possam ver no modesto mau solem o sacrifício colectivo de uma freguesia que de todas, neste concelho, foi sempre a primeira. Para tanto, já se encontram constituídas as respectivas comissões pela ordem que segue:—

COMISSÃO DE HONRA

Dr. Manuel Arantes Rodrigues

Domingos Rodrigues

Paulo Barbosa de Macedo.

COMISSÃO EXECUTIVA

João Barbosa de Macedo

José Manuel Martins

Narciso José Gonçalves.

N. Gonçalves

CONDIÇÕES de Assinatura

(pagamento Adiantado)

Continente e Ilhas

Semestre 25\$00

Ano 50\$00

Ultramar e Brasil

(Por avião)

Semestre 91\$00

Ano 182\$00

(Via marítima)

Semestre 40\$00

Ano 80\$00

Estrangeiro

(Por avião)

Semestre 115\$00

Ano 230\$00

(Via marítima)

Semestre 60\$00

Ano 120\$00

CINZAS

Eu tive um amor... agora apagado
Que vivi com afecto santo e puro,
Sem saber que o dela era falso, era perjuro
E agora é só cinzas tristes do passado.

Mas... já vai tão longe, tão distante
O tempo em que a sorrir me enganou
Que prefiro dizer:—«Tudo passou!»
Foi um sonho mau, já vacilante.

Estas sombras o vento dispersou
Pelos quatro cantos da terra infinita,
E eu hei-de dizer:—«Três vezes bendita.

A viração da tarde que as levou!
E o nosso longo e constante amar
Em fumo ténue se desfez no ar!

Manuel Bastos

Braga, Março de 1957

ALFAIATARIA "BELCORTE" DE

José Eduardo Macedo Gonçalves

Confecciona fatos para HOMEM, SENHORA e CRIANÇA
CORTE ESMERADO e ÓTIMOS ACABAMENTOS

PREÇOS MÓDICOS

Não se esqueça: ALFAIATARIA "BELCORTE",

LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR — AMARES

Folha caída

Onde vais folha caída,
Tão tristonha aborrecida
Nesse vago caminhar,
Talvez procurando alento
Onde não te sopra o vento
E te deixe repousar?

—Eu com minha mãe vivia,
Mas há dias, ao ser dia
Nela um gaio se pousou,
Para uma landra comer
É melhor, a poder ver
Com o bico me cortou.

—E caí de grande altura
Batendo na terra dura
Sem amparo nenhum ter,
Estou muito molestada
Fico aqui, ali, parada,
Não sei que hei-de dizer.

Cedo tua mãe deixaste
D'onde muito desfrutaste
Largas paisagens vistosas
Agora no chão caída
Pelo vento impelida
Nada desfrutas nem gozas.

—Ail quem me dera voltar
Ao meu primeiro lugar
À minha alta morada;
Bem alegre ali vivia
Que todos os dias via
Os alvares da madrugada.

—E o sol bemfazejo
Dava-me o primeiro beijo
Logo que se levantava,
E um lindo rouxinol
Acalentando-se ao sol
Bem perto de mim cantava.

—Mas quando fui despojada
Da minha linda morada
Deixei de ouvir por meu mal,
Sua voz melodiosa
Expressiva e graciosa
Em gorgeios de Cristal.

Grande mágoa debes ter
Desse teu triste viver
E destino que tomaste,
Vivendo sem alegria
Sem teres uma companhia
E tantas irmãs deixaste.

—Minhas irmãs vigorosas
Devido às noites geosas
A minha sorte vão ter,
Eu as vou procurar,
Quero com elas morar,
Quero com elas morrer.

Onibla C.

Album de coisas várias

Já tinha ouvido lamentar
—já o tinha até sentido pessoalmente mas, então, não prestei ao facto a atenção devida, talvez pela razão elementar de julgar a anomalia como um acontecimento de pouca importância, consequência de circunstâncias momentâneas e, por isso, sem características de uso e costume ou, melhor, sem aqueles sinais de desrespeito para com uma maioria prejudicada por um sentido comercial favorável aos interesses de uns poucos que tudo arranjam, quer pela posição social dos seus nomes ou pessoas, quer por determinados processos que o consenso geral das relações sociais reprova e repudia.

Ora muito bem. O que se passa com a aquisição de bilhetes para os espectáculos cinematográficos em Viana do Castelo, nas bilheteiras do *Palácio*, tomou tais proporções no domingo passado, por ocasião do filme *Piquenique*, que fizemos propósito de chamar a atenção de quem de direito de modo a evitarem-se as cenas que presenciámos e nas quais tomamos alguma representação, de certo modo a mais conveniente a podermos entrar na engrenagem do assunto para, concretamente, dizermos qualquer coisa.

Muitas horas antes do espectáculo já não havia bi-

lhetes. Melhor: havia (o bilheteiro mostrou-nos um maço), mas destinavam-se, creio, aos assinantes ou qualquer coisa parecida com *habitués*, assim designados pelo motivo de frequentarem o *Palácio* nos dias de chuva e de sol, considerados, assim, pela casa, donos dos seus lugares, que a bilheteira guarda até os interessados os procurarem. Havia bilhetes, as bilheteiras estavam abertas; muito público queria bilhetes e a lotação estava esgotada. O público barafustou, nós ouvimos, presencia-mos: as dúbias articulações dialécticas dos bilheteiros não nos convenceram e concluímos de que os bilhetes guardados eram, na sua maioria, produto de marcações que a Empresa públicamente notícia não atender, etc., etc..

Seguimos os nossos pensamentos, as nossas deduções, e tomamos a atitude de irmos até o fim, certos de, como tantos outros, conseguirmos bilhetes. E conseguimos os bilhetes. Por que caímos na simpatia do bilheteiro? Procuramos, de facto, ser correctos. O bilheteiro foi, também, correcto e muito atencioso.

No entanto, conseguimos quatro bilhetes depois da lotação esgotada!... E outros mais também os conseguimos. Está isto certo?

Mas não está certo que ca-

(Continua na 4.ª página)

Factos e comentários

Jaze, bem perto de nós, na freguesia de Carracedo, votado a um abandono absoluto, o imortal poeta Francisco de Sá de Miranda.

Naquela igreja simples, sem arabescos e estilo, em jazigo que, outrora, fora dos senhores de "Entre Homem e Cávado", o grande homem das letras e, um dos homens de maior firmeza de carácter do seu tempo, recolhido ao campo e fogido ao convívio dos grandes senhores porque neles graçava a

corrupção, encontrou a nossa mais degradante ingratidão. O Liceu de Braga deixou de se denominar de "Sá de Miranda". Porquê?

Vamos alvitrar, porque ainda estamos muito a tempo de remediar o mal, pelo menos, porque a esperança de um túmulo condigno se vai tornando sonho doirado de muitos e, principalmente, do bom Pároco daquela freguesia, que a capital do Minho, um dos canteiros deste "Jardim Abeira Mar Plantando", que o grande poeta escolheu para sossego espiritual e o repouso eterno, dê o seu nome a uma Praça ou Rua.

Braga cresce como nenhuma cidade do País. Sobre o grande Presidente da Edilidade Bracarense melhor que as palavras falam as obras. É Português de antanho, estamos certos que dará satisfação ao nosso alvitre.

TRIBUNA LIVRE
é distribuída em Braga,
no Quiosque Central,
Largo do Barão de São
Martinho

Folhetim da "Tribuna Livre,, 12

SEMPRE NOIVOS

(Recordação do Minho — Usos e costumes)

Por Porfírio de Sousa

—Pois, então, agora desforra-te!

E a propósito!

Vinhas, então, falar-me no arrendamento da quinta do Vale...

—É verdade, sr. Morgado.

—O Manuel Gaspar ainda não me disse que a ia deixar e eu acho que ele não fará, tanto mais que ele e os filhos nasceram lá.

—Constou-me que ele está nessa disposição e vai então daí de um salto à sua casa para pedir ao sr. Morgado que ma arrendasse.

—Antes de mais nada, ocorre-me perguntar-te:

Partindo de princípio que o Manuel Gaspar deixa a quinta, como queres tu amanhã-la?

—É que eu vou casar...

—Ah! sim?!

E com quem?—se não é indiscrição da minha parte.

—Não é indiscrição, não senhor: vou casar com a Maria Teresa, com a filha do Francisco do Monte.

—Boa rapariga e trabalhadeira é ela—e ainda, por cima, a mais bonita que há por estes sítios.

—Mas se não conseguirmos tomar umas terras, por renda, não nos podemos casar, por enquanto.

—Eu sempre julguei que ficasses em casa de teus pais, para os auxiliar, tanto mais que os teus irmãos e irmãs já todos saíram, casando-se.

—E eu tenciono fazer o mesmo, pois o homem que casa é que deve ser o chefe da sua família.

—Por esse lado pensas bem.

—Mas voltando à quinta do Vale.

Se o Manuel Gaspar sair, o sr. Morgado não se compromete com o arrendamento, da quinta antes de falar comigo?

—Fica descansado: se o Manuel Gaspar me entregar a quinta—o que eu muito duvido, mando-te chamar, a fim de vermos se chegamos a um acordo sobre o arrendamento.

—Então muito obrigado, sr. Morgado.

—Não tens de quê, José.

Olha, bebe mais uma malga de vinho para a despedida.

E o dono da casa, antes que o José recusasse e agradecesse, encheu, novamente, a malga.

Por fim despediram-se e o José do Outeiro, regressou a casa pensativo e triste, pois a saída do Manuel Gaspar tinha sido rebate falso.

E agora aonde hei-de ir bater para encontrar umas terras?—ia pensando o namoro da Maria Te resa.

Logo que o José esteve com a namorada contou-lhe o sucedido e ela, a destilar boa disposição por todos os poros, disse-lhe, com o seu permanente sorriso nos lábios que não desanimasse, visto que há mais marés do que marinheiros—e se não for aquela quinta será outra, pois não há-de faltar onde empreguem a sua actividade.

Oito dias depois o Manuel Gaspar foi ter com o patrão, com o Morgado do Souto, e comunicou-lhe que no S. Miguel lhe ia entregar a quinta, pois já que lá nascera não queria, pelo menos, ali morrer, tanto mais que os dois filhos e as duas filhas já haviam casado e as terras, agora, eram grandes demais para ele e para a mulher, principalmente na idade que já não tinham forças bastantes para as trabalharem.

—Pois poderia esperar tudo da tua parte, Manuel Gaspar, mas que deixasses a quinta do Vale é que nunca me passara pela cabeça.

—Eu, sr. Morgado, já cumpri bem o meu dever, pois nunca me poupei ao trabalho!

—Por isso mesmo, Manuel Gaspar, sendo tão trabalhador não atino com a causa de te ires embora.

—A causa?!

O sr. Morgado é como todos os proprietários!

Se o ano agrícola é mau, o caseiro tem de pagar da mesma forma como se ele fosse bom, de cumprir o contracto do arrendamento, pagando tudo, e os donos das propriedades não procuram saber se o sacrificado caseiro ficou com o suficiente para viver e para amanhã as terras no ano seguinte, até às novas colheitas.

(Continua)

MONOGRAFIA DO CONCELHO

Continuação da 1.ª página

tuguesa; o 1.º vêm a pronunciar-se e a escrever-se invariavelmente assim desde muito cedo.

Efectivamente, no Livro de Mumadona—*«In Inventário de omnes hereditates...»*—sob a era de 1059 perto de 50 anos antes de Gualdim Pais ter visto a luz do dia, ai se encontra a insofismável prova:

«... et de villa de Amares III.º integra...»

Us 25 anos apenas após a morte de D. Gualdim (1220-1195) nos textos das Inquirições de Afonso II e seguintes, repetida e invariavelmente, sempre a mesma expressão:

«De Sancto Salvatore de Amares. Segue-se que Amares nunca foi Marecos e que D. Gualdim Pais, se foi Marecos, nunca foi de Amares.»

Também, compulsando os Nobiliários, na busca de ascendentes e descendentes em que se acha entroncada a linhagem do Mestre, se conclui que por aqui perto não se movimentaram seus próximos ou romotos parentes, como faz crer Mon tebelo ao informar que Amares foi solar de seus «maiores».

* * *

Ora, demonstrar apenas que Amares não lhe serviu de berço é deixar o herói sem pátria ao cabo de tantos séculos, não era conclusão das mais simpáticas!

Marecos, que vulgar e unânimemente se atribui a Gualdim Pais como aplido de origem ou naturalidade, antes que usou o de «Mestre» (do Templo) como depois foi geralmente conhecido, designa um bom número de povoações em Portugal, inclusivamente a de Penafiel do Sousa, que já se fez referência.

Menos uma que se situa, ou melhor, situava nos limites do território de Braga, todas se excluem, porquanto D. Gualdim em princípio era daqui natural, em conformidade com as inscrições de Tomar e de Almourol:

«... Bracara que est caput Gallicie ortus...»; «... Bracara oriundus...»

Identifica-se e localiza-se, essa única Marecos (S.to André) que se aproveita, no antigo Julgado de Faria.

Foi decrescendo de importância até perder-se de vista, facto que consideravelmente concorreu para tanta confusão, sobrepondo-se-lhe Barcelinhos, freguesia fronteira de Barcelos e de que hoje faz parte integrante como cidade, acrescido tudo isto da notável circunstância de já ao tempo de D. Gualdim se escrever, e decerto pronunciar, por modos diferentes, embora semelhantes—*Marecos, Mareces, Mereces*, a que pode ainda juntar-se outra variante *Mooyracos*, recorrendo ao Nobiliário—Titulo LVI.—Scriptores—pag. 360—e inserta nesta passagem:

«... Esta dona Orraca Gomez (prima co-irmã de D. Gualdim) foy casada com Fernam Silvestre de Mooyracos e descenderon delles... Pero Fernandez de Tamhal d'Alvite (Alvite do Tamel).....»

Este Fernão Silvestre é o mesmo rico-homem que o Livro Velho apelida *«de Encourados»* ali bem junto à antiga Marecos.

Reportando-nos, pois, à época mais próxima de Gualdim Pais, os textos das Inquirições continuam a ser o monumento histórico que melhor permite estabelecer o paralelo ou confronto entre a nomenclatura toponímica ali empregada, bem como nos Livros das Linhagens:

«Julgado de Faria».

—*«De Sancto Andrea de Mareces».*

Logo em «foros e dádivas» com a outra variante:

—*«De Sancto Andrea de «Marecos»... quod de quintana de hereditatoribus de «Marecos... de bent dare...»*

«Marecos, Mareces, Mereces» (Inquisitiones—pag. 112)

* * *

Se os Nobiliários, ou quaisquer outras fontes históricas, nos referissem o herói designadamente como *Gualdim Pais de Marecos*, como insistentemente nos assevera Montebelo, dar-se-ia aqui por finda a questão da sua naturalidade.

Porém, tal não acontece; e, para se demonstrar que realmente tenha nascido na terra de Santa Maria de Faria na vizinhança do grande «castelo-mestre de Portugal», será essencial valermos-nos, como igualmente insinua o mesmo Montebelo, *das terras em que viveram solar seus «maiores» e foram assento de seus mais próximos parentes.*

Assim, é principalmente a antiga freguesia de S. Tiago (Sancto Jacobo) de Molles—*Moldes—Molnes*, contigua a Marecos, que identifica uma boa parte dos personagens que os Livros das Linhagens assinalam como mais próximos parentes de D. Gualdim.

Continua no próximo número

Tribuna de VILA VERDE

PRESIDENTE DA CÂMARA DE VILA VERDE

De regresso do País vizinho onde foi visitar seu cunhado o Senhor Reitor da Universidade de Madrid, regressou às suas ocupações, no passado dia 7 do corrente, o Senhor Doutor António dos Santos Ferreira, prestimoso Presidente da nossa Idelidade, a quem tivemos o prazer de cumprimentar.

Serviçal infiel

Francisco Fernandes Dias, casado, comerciante na Portela do Vade, queixou-se telefonicamente ao comandante do Posto da Guarda Nacional Republicana, que no dia vinte e três de Fevereiro, pelas vinte e uma horas, tinha sido vítima de um assalto feito aos seus armazéns de mercearia e cereais, de onde levaram quatro meadas de arame que ainda

encontrou à saída do seu quintal ao ser presentido pelos assaltantes.

O cabo da Guarda, Sr. Manuel Torcato da Costa Pinheiro, seguiu imediatamente para aquela localidade, e prendeu por suspeito Manuel das Neves Rocha, solteiro, jornalista daquele comerciante, de vinte e nove anos de idade, morador no mesmo lugar da Portela, freguesia de Atães, deste concelho, que estava presente, tendo-o conduzido ao Posto, e aqui, devidamente interrogado e depois do mesmo comandante do Posto, ter recolhido no local umas pégadas que o auxiliaram na descoberta do criminoso, o Rocha confessou o crime sem coação e indicou como receptor dos seus furtos—estes já vinham de longe—José das Neves Sou-

sa, o «Manivela», comerciante no mesmo lugar, da Portela, que também confessou o seu crime.

Após a confissão do criminoso, seguiu o mesmo comandante imediatamente para a casa do «Manivela» e conseguiu reaver a quantia de 13.935\$00. 14 meadas de arame para ramadas e ainda sacas de sulfato de cobre.

Em seguida dirigiu-se à casa da namorada do Rocha onde descobriu vários objectos de ouro, roupas, louças e uma meada de arame.

Foi também interrogado como suspeito na compra de uma pulseira em ouro pertencente ao queixoso Luiz Dias Novo, casado, ambulante de ourivesaria que confessou ter comprado a Rocha, a referida pulseira pelo que indemnizou o queixoso com a quantia de 500\$00.

Do furto que se presume orçar por 100 contos, aproximadamente, foram já recolhidos 20 contos, esperando-se que o criminoso faça mais declarações.

Está de parabéns o sr. cabo Pinheiro, pela forma inteligente e rápida como desenvolveu a sua acção, o que para nós não constituiu estranhosa, dado como é certo conhecermos as facultades deste funcionário em assuntos desta natureza. Bem haja!

Desastre mortal

Ontem, quando conduzia um carro de bois, atraz de outro carro e quando transportava uma carroça e por se ter espantando o seu gado ficou entalado entre os dois veículos tendo morte quasi instantânea, António da Silva Batista, solteiro de 40 anos de idade, natural da freguesia da Lage, deste concelho.

Com o crâneo fendido devido a agressão

No passado domingo, pelas 24 horas, quando seguia de um café do Pico de Regalados, para suas casas em S. Cristovam do Pico, Placido de Araújo, Adelino Afonso e outros e já próximo de sua casa o Plácido adiantou-se e munindo-se de um varapau esperou o Adelino Afonso, vibrou-lhe uma pancada que o prostou no solo. O Adelino regressou a sua casa e assim ferido deitou-se sem contar à família seu estado. No dia seguinte a família foi encontrá-lo em estado de coma pelo que resolveram levá-lo ao Hospital de Santa Casa de Miresicordia, onde foi operado a trepano. O seu estado é grave presumindo-se que não resista ao ferimento recebido.

DE PARADELA DO RIO

Conhecem-no?! Acautelem-se...

IV

Esta secção, que de início foi para muitos uma local mordaz, vai agora dar lugar a uma outra que despertará igual curiosidade que exige ser tratada com isenção e a tempo. Não deixará, porém, de se revestir de certa vivacidade.

Os aflitos e enfatiados, os «busca-personagens» e tantos outros que já nos deram ao dèmo... que se acalmem! Com o 5.º artigo desta secção tencionamos deixá-los em paz, mesmo sem entregar ao príncipe das trevas nenhum deles!...

E vamos lá à «injecção» de hoje.

O nosso *personagem* (!) também sabe cantar.

Não quero eu que os leitores se fiquem sem lhe conhecer a «cantiga»!...

Azafamado, preenche de momices, ele poderá ser visto a «cantar» aos pais de uma donzela o estribilho popular:

*«O ferreiro, guarda a filha,
Não a deixes ao portal...
Anda aí um sujeitinho
Que a quer a bem ou mal!»*

—E quem é o *sujeitinho*?
...—Nem mais nem menos do que *ele próprio*. Sim. É ele, o cantador astuto e malévolo, o ladrão de tantas almas, essa ave de rapina insaciável!

Ele vai desviar a atenção vigilante dos pais sobre pessoas que talvez nunca sonhassem como ele.

Desperta o agradecimento daqueles progenitores, em face de um «aviso tão sincero como amigo». E daí... já tem as portas abertas, todo o

à-vontade, tornou-se um intruso sem trancas a vencer...

O maltrapilho, agora no seu campo, ficou senhor da presa. Após a consecução do instinto ferino, ele baterá as asas para voar em busca de novo acautelem-se!

Neste momento e desta tribuna, seria de indagar quanta razão nos assiste, buscando o testemunho de lágrimas e soluços que se vertem e se ouvem das cidades às aldeias, nos salões sumptuosos e nos humildes lares dos nossos trabalhadores!!!

—Que me respondam esses pais desconsolados no seu amor, e essas jovens-avêlhadas pelo crime de que foram vítimas...

—Que falem as estatísticas, os Registos Cíveis e Paroquiais...

—Que o proclamem todos quantos se encontram investidos de autoridade e usam de munus educativo... já que a verdade é esta, infelizmente, mas bem proclamada servirá de aviso de barreira, de norma conveniente!!!

O nosso *personagem* deve andar talvez a despejar vanglória nos caminhos do vício e do despudor, arrastando com a língua as suas vítimas e expondo-as ao mundo como simples farrapos humanos!

Está fácil de identificar. Entretanto... «Conhecem-no?!—Acautelem-se!!!»

Março de 1957

B. Ribeiro

(Continua na 4.ª página)